

TIPOS E ASPECTOS DO BRASIL

AGUADEIRO

(SÃO FRANCISCO)

NAS regiões montanhosas, golpeadas de bocainas, donde fluem manadeiros, de maior ou menor importância, o problema de abastecimento d'água domiciliar não encontra dificuldades de grande monta.

As habitações podem tender à dispersão pelas encostas, sem perder a facilidade geral de suprimento do líquido, facilmente desviado por meio de canaletas para o lugar de utilização.

Tanto para bebida e usos domésticos de vária espécie, como igualmente para mover monjolos, moinhos e até rodas hidráulicas.

À margem dos grandes rios, à medida que se aglomeram os povoadores, já se impõe serviço de abastecimento coletivo que distribua, a cada casa, a quota que lhe caiba.

Quando, porém, não haja tal organização, a necessidade premente de consumo sugere soluções afeiçoadas a cada ambiente, como ocorre na região nordestina semi-árida, cujo regime se expande até o médio São Francisco.

O rio afigura-se, por longo trecho, fita líquida, a serpentear em meio de terreno ressequido, em que só medra a caatinga.

Os habitantes apenas se afastam da beira d'água o suficiente para que não os molestem as inundações calamitosas, tão destruidoras quanto as secas periódicas.

Manancial inesgotável, em meio da penúria, fornece-lhes o rio o alimento de que necessitam.

Hão mister, todavia, de promover-lhe o transporte.

Na era dos bandeirantes, refere a tradição transmitida por TEODORO SAMPAIO, quando se afastavam do rio São Francisco, muniam-se de borrachas, sacos especiais de couro, que enchiam d'água, quanto comportassem.

E quando acabasse a ração, imediatamente regressavam, para tomarem nova quantidade, enquanto não alcançassem à frente nova fonte de suprimento.

Esses, de passagem para o território piauiense, que iam desbravar, conheceram as peculiaridades regionais e tomaram as precauções possíveis.

Outros, que estanciam no vale, resolvem de maneira diversa o mesmo problema.

Valem-se os ribeirinhos menos dotados de recursos financeiros, de utensílios de barro, bilhas ou potes, ou simplesmente cabaças que, uma vez cheias, as mulheres equilibram à cabeça, e com admirável perícia conduzem à vontade.

Para os que podem retribuir-lhes os serviços, oferecem os aguadeiros o seu concurso.

Incumbem-se da distribuição de água para os moradores, ainda os mais distantes da barranca.

Utilizam-se da energia e mansidão do jumento, que se dá às maravilhas naquelas paragens.

"Muito mais sóbrio e resistente que o cavalo, afirma M. CAVALCANTI PROENÇA, que lhe observou de perto as qualidades e vícios, desenvolveu-se com facilidade na caatinga e presta hoje valiosos serviços como animal de carga e sela, varando os trilhos do sertão, minorando a escassez de transportes".

Alimenta-se, quando não haja outra forragem, de cascas de árvores e fôlhas, como os caprinos, que também se multiplicam em regiões análogas.

Submisso, quando não empaca, deixa-se conduzir pelo cabresto, como se fôra animal indefeso.

E suporta carga desproporcional ao seu tamanho, quer nas estradas, quer nas ruas urbanas, onde, serviçal, distribui água à clientela do seu dono.

O arreamento reduz-se, para tal aplicação, ao mínimo.

Ao lombo, acomoda-se-lhe a cangalha, rudemente amolfadada com enchimento de capim, por dentro, e munida de ganchos por fora, em que se dependuram ancorotes de madeira, dois por banda.

Leva-o facilmente o aguadeiro à beira d'água e lá, calças arregaçadas, para não se molhar, e camisa de mangas curtas, tira-os do suporte para enchê-los sem demora.

E ao recolocá-los na armação, apropriada a segurá-los, estará em condições de atender à freguesia, mediante a retribuição ajustada.

Destarte, o animal, cabeçudo e pequenino, que suporta com resignação a falta d'água, eficientemente concorre para fornecê-la a quem diste dos reservatórios naturais.

É elemento habitual na paisagem de extenso trecho do São Francisco, assim no planalto, como igualmente na baixada, e por vasta área do Nordeste, onde os espaços locais de abastecimento, rios perenes, açudes ou cacimbas, são frequentados pelos aguadeiros com os seus jumentos, também conhecidos pelos nomes de jegue e jerico, além de vários apelidos, que lhes evidenciam a colaboração prestimosa, especialmente quando utilizados em benefício da população desprovida de outro qualquer serviço regular da distribuição d'água.

V. C. F.

